

## ELOS ENTRE BRASIL E HAITI POR MEIO DO FUTEBOL: UMA ANÁLISE DO FILME “O DIA EM QUE O BRASIL ESTEVE AQUI”

Rodrigo Nascimento Reis<sup>1</sup>  
DOI: 10.29327/2282886.7.1-8

**Resumo:** A partir do documentário “O dia em que o Brasil esteve aqui”, o artigo busca encontrar os elos entre Brasil e Haiti que possibilitaram o futebol brasileiro ser utilizado como ferramenta de *soft power* (Nye, 2004). O filme trata da visita da seleção brasileira ao Haiti em agosto de 2004 para o “Jogo da Paz”, um episódio ocorrido em função da Missão de Paz das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH) comandada pelo Brasil. Nesse sentido, como estratégia metodológica, utiliza-se as categorias de Vuving (2009) em que o poder brando se traduz em benignidade, brilho e beleza. Com essas categorias, observamos que os elos históricos entre ambos países permitem caracterizar a seleção brasileira como *bon bagay*, extraordinária e detentora do jogo bonito. Em conjunto, as características mostram a força do futebol brasileiro como ferramenta de poder no cenário internacional e como este foi capaz de pavimentar caminho para uma aproximação dos haitianos à missão de paz da ONU.

**Palavras-chave:** Haiti; Brasil; Futebol; Minustah; *Soft power*.

## VÍNCULOS ENTRE BRASIL Y HAITÍ A TRAVÉS DEL FÚTBOL: UN ANÁLISIS DE LA PELÍCULA “O DIA EM QUE O BRASIL ESTEVE AQUI” (EL DÍA QUE BRASIL ESTUVO AQUÍ)

**Resumen:** Basado en el documental “El día que Brasil estuvo aquí”, el artículo busca encontrar los vínculos entre Brasil y Haití que permitieron que el fútbol brasileño fuera utilizado como una herramienta de poder blando (Nye, 2004). La película trata sobre la visita de la selección brasileña a Haití en agosto de 2004 para el “Jogo da Paz”, episodio que se desarrolló como parte de la Misión de Paz de las Naciones Unidas en Haití (MINUSTAH) comandada por Brasil. En ese sentido, como estrategia metodológica, se utilizan las categorías de Vuving (2009), en las que el poder blando se traduce en benignidad, brillantez y belleza. Con estas categorías, observamos que los vínculos históricos entre ambos países permiten caracterizar a la selección brasileña como *bon bagay*, extraordinaria y poseedora del bello juego. Juntas, las características muestran la fuerza del fútbol brasileño como herramienta poderosa en el escenario internacional y cómo pudo allanar el camino para que los haitianos se acercaran a la misión de mantenimiento de la paz de la ONU.

**Palabras clave:** Haití; Brasil; Fútbol; Minustah; *Soft power*.

## LINKS BETWEEN BRAZIL AND HAITI THROUGH SOCCER: AN ANALYSIS OF THE FILM “O DIA EM QUE O BRASIL ESTEVE AQUI” (THE DAY BRAZIL WAS HERE)

**Abstract:** Based on the documentary “The day Brazil was here”, the article seeks to find the links between Brazil and Haiti that allowed Brazilian soccer to be used as a soft power tool (Nye, 2004). The film deals with the visit of the Brazilian team to Haiti in August 2004 for the “Jogo da Paz” (Peace Game), an episode that took place as part of the United Nations Peace Mission in Haiti (MINUSTAH) commanded by Brazil. In this sense, as

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor convidado da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e pesquisador pós-doutorado pelo CNPQ/Fapema

Revista Espirales, Foz do Iguaçu, UNILA, ISSN 2594-9721 (eletrônico), v. 7, n. 1, 2023, p. 112-138

a methodological strategy, the categories of Vuving (2009) are used, in which soft power translates into benignity, brilliance and beauty. With these categories, we observe that the historical links between both countries allow characterizing the Brazilian team as *bon bagay*, extraordinary and holder of the beautiful game. Together, the characteristics show the strength of Brazilian soccer as a power tool on the international stage and how it was able to pave the way for Haitians to approach the UN peacekeeping mission.

**Keywords:** Haiti; Brazil; Soccer; Minustah; *Soft power*.

### Notas introdutórias

A Missão de Paz no Haiti comandada pelo Brasil, em termos diplomáticos, ficou conhecida como a Missão de Paz das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH)<sup>2</sup> e teve a participação de mais 15 países, sendo o Brasil o principal articulador, presente do início ao fim da operação (2004-2017).

Em suma, a operação começou porque o então presidente do Haiti, Jean-Bertrand Aristide, renunciou ao cargo em 29 de fevereiro de 2004 devido a protestos populares acusando-o de corrupção e violação de direitos humanos. No seu lugar assumiu o presidente da Suprema Corte do Haiti, Bonifácio Alexandre. Mas o país estava um caos, com rebeliões que deixavam o território e sua capital Porto Príncipe à beira de uma guerra civil.

Com esta conjuntura débil, a ONU foi acionada pelo próprio Bonifácio Alexandre para promover uma ação que visasse proteger os direitos humanos e reestabelecer a ordem no país. Por isso, a Missão teve como objetivos centrais pacificar o Haiti, desarmar grupos rebeldes, promover um processo democrático nas próximas eleições presidenciais e fornecer ajuda humanitária aos haitianos por meio da doação de alimentos, roupas e materiais de higiene. Os soldados brasileiros começaram a chegar no Haiti no mês de junho e o Jogo da Paz entre a seleção brasileira e haitiana ocorreu no dia 18 de agosto de 2004.

Antes de prosseguir, é importante ressaltar que Aristide representava, antes de tudo, uma perspectiva de que Haiti se libertasse da ditadura da família Duvalier. Sobre esse episódio ditatorial, o país teve François Duvalier no poder entre 1957 a 1971, seguido do filho Jean-Claude Duvalier governando entre 1971 e 1986. Depois dessa fase, o Haiti teve vários governos provisórios até Aristide ser eleito pela primeira vez em 1990. Todavia, o país caribenho já estava bastante enfraquecido democraticamente. Sobre este período ditatorial,

---

<sup>2</sup> Neste artigo vamos abordar o episódio de um jogo de futebol dentro da estratégia da MINUSTAH. Para conhecer amplamente sobre a missão de paz, recomenda-se a leitura de das dissertações de mestrado de Anselmo (2014), Coberllini (2009) e Valler Filho (2007)

Andrade (2015), Nicholls (1996) e Trouillot (1990) descrevem a política de repressão da época, os discursos de “Papa Doc” e “Baby Doc” como eram conhecidos François e Jean-Claude Duvalier, entre outros aspectos importantes para entender precedentes da crise haitiana.

Adiante, como se chegou à ideia de enviar uma seleção de futebol ao país? Quando as primeiras tropas brasileiras chegaram ao Haiti, o primeiro ministro haitiano Gerard Latortue concedeu declarações à imprensa brasileira sobre o que considerava fundamental para o sucesso da Missão de Paz. Em entrevista ao jornalista Fabiano Maisonnave, enviado especial da *Folha de S. Paulo* à 3ª Cúpula América Latina, Caribe e União Europeia, Gerard foi questionado se as tropas de paz da ONU conseguiriam desarmar mais de 15 mil homens. Ele respondeu:

O Brasil tem boa vantagem. Os haitianos amam o Brasil e amam o futebol brasileiro. Se o Brasil enviasse, com as tropas, dois ou três dos melhores jogadores, essas pessoas poderiam fazer uma promoção pública do Exército brasileiro melhor do que qualquer outra iniciativa brasileira.

No caso do desarmamento, é necessário ter a participação da população. Espero que, durante o período, o Brasil organize um ou dois jogos amistosos de futebol. Isso ajudará a aliviar a tensão. Se eles fizerem os jogos, todas as gangues assistirão à partida. Se as armas forem exigidas como ingresso, muitos deles as darão livremente somente para ver Ronaldo, Cafu ou Kaká. (MAISONNAVE, *Folha de S. Paulo*, 2004).

Por causa desse episódio, surgiram pesquisas na área de Relações Internacionais mostrando a Missão de Paz no Haiti como um caso exemplar de *soft power* (Amazarray e Guimarães, 2011; Valença e Carvalho 2014; Grix, Brannagan e Houlihan 2015 e Bry, 2016). Nesse sentido, decidimos mirar nesse episódio a partir de um produto comunicacional. Desse modo, escolhemos o documentário “O dia em que o Brasil esteve aqui”<sup>3</sup> para nortear a hipótese de que um conjunto de representações narrativas sobre o futebol brasileiro pode ser aacionada efetivamente em uma estratégia de *soft power*, isto é, “com a capacidade de influenciar uma nação via aportes culturais ou ideológicos” (Nye, 2004),

Nessa perspectiva, consideramos a análise filmica do documentário como interpretativa, tendo um percurso desenhado e calcado em aporte teórico definido pelo próprio pesquisador (Mombelli e Tomain, 2014). Sendo assim, despertados às problemáticas metodológicas enfrentadas em estudos envolvendo *soft power* apontados por Novelli (2021),

<sup>3</sup> O documentário está disponível em:

<https://pluto.tv/stream-br/movies/o-dia-em-que-o-brasil-esteve-aqui-2021-1-1>. Acesso 18 nov. 2022

Revista Espirales, Foz do Iguaçu, UNILA, ISSN 2594-9721 (eletrônico), v. 7, n. 1, 2023, p. 112-138

justamente por falta de clareza na interpretação de como certos recursos se convertem em influência, escolhemos três categorias trabalhadas por Vuving (2009) para análise em questão, são elas: benignidade, brilho e beleza. Essas três moedas de energia, como chama o professor Alexander Vuving, é um esquema didático para compreensão do poder brando. São tais moedas que permitem identificar elos<sup>4</sup> entre ambos os países que facilitam a influência brasileira.

Destaca-se ainda, que conforme Verenhitch (2008) a participação do Brasil na Missão de Paz atende a quadro singular da política externa brasileira daquele período, em que havia uma política voltada aos países do Sul, com objetivo de conquistar foros regionais e globais. Após analisar a conjuntura da época, a autora afirma que a decisão da participação brasileira foi uma iniciativa direta do presidente Lula, sem consultar o Congresso Nacional, mas recebendo apoio em seguida e tendo o planejamento do Itamaraty e Exército Brasileiro.

A participação do Brasil na MINUSTAH pode ser explicada por diversas razões, de caráter objetivo ou subjetivo. Há, portanto, aquelas de cunho material – como a possibilidade de obtenção de um assento permanente no CS/ONU, ou a possibilidade de ganhos financeiros a partir do aprofundamento do vínculo comercial – e outras, abstratas ou imateriais – como o alcance de maior prestígio e fortalecimento do país enquanto liderança regional, ou o exercício da diplomacia solidária (Verenhitch, 2008, p.57).

Na perspectiva de Marques (2013) a política externa do governo Lula (2003-2010) é marcada pela quebra de protocolo e a Minustah é uma prova disso, devido ao protagonismo do presidente Lula na tomada de iniciativa em acolher logo a Missão. Tal atitude gerou debates internos até a aprovação do Brasil na Missão, mas prevaleceu a ideia de a ida ao Haiti seria como um possível “passaporte para a candidatura do país ao CS-ONU [Conselho de Segurança - Organização das Nações Unidas]” (MARQUES, 2013, p. 126).

### **1. A estruturação do documentário**

O documentário foi dirigido pelos brasileiros Caíto Ortiz e João Dornelas que também produziram o roteiro junto ao jornalista Fábio Altman. Eles chegaram ao Haiti dez dias antes da partida e ficaram por lá mais cinco dias. “Foram para o Haiti, os dois diretores, o roteirista, o fotógrafo, um responsável pela captação de som, todos com uma câmera mini-DV, contando

---

<sup>4</sup> O enfrentamento do racismo e da escravidão podem ser considerados elos históricos entre ambos os países. (Seguy, 2015; Padilha e Marques, 2020). O futebol mobiliza esse elo, por meio de Pelé e de tantos outros jogadores negros, e pobres, que almejavam êxito por meio do mundo da bola. Essa percepção será apresentada no decorrer do artigo por meio dos depoimentos do documentário.

com a ajuda de uma produtora haitiana (...)” (Sobré, 2006). A produtora brasileira responsável pelo projeto foi a *Pródigo Films* em coprodução com a empresa haitiana *Traffic Media & Entertainment*. Esta chegada antecipada da equipe coopera para uma amplitude do contexto do filme, pois embora a cobertura seja sobre um único dia, os primeiros 35 minutos do documentário de 73 minutos são sobre os antecedentes da partida. Boa parte da imprensa internacional chegou apenas para o jogo e foi-se com a seleção no mesmo dia.

O enredo do trabalho documental está dividido em antes, durante e pós-jogo e tem como objetivo central mostrar o impacto da passagem da seleção brasileira por um país em crise e com extrema pobreza. Vários depoimentos entrecruzam o filme para responder o porquê de tanta expectativa da população. A maioria das imagens captadas mostra a felicidade passageira do povo manifestada por alvoroços devido ao jogo e o trabalho dos militares brasileiros na organização do evento. O clímax é o próprio jogo e a vitória da seleção canarinho por 6 a 0 contra os haitianos no Estádio Sylvio Cator, na capital Porto Príncipe. Uma derrota, inclusive, bem recebida e celebrada pelo público local.

A maioria dos depoimentos foi obtida por entrevistas realizadas pela própria produção do documentário e outras são capturas de falas espontâneas de fontes envolvidas na programação do jogo. Conforme o Quadro 1, três jornalistas haitianos emitem opinião no vídeo sobre o evento e um historiador haitiano explica a identificação do povo do Haiti com o Brasil. O Clube Tanga, localizado em Porto Príncipe, é tido como uma base do futebol brasileiro local, por isso o presidente e vice-presidente do clube concedem declarações sobre como se formou a torcida no país.

**Quadro 1-** As fontes do filme “O dia em que o Brasil esteve aqui”

Fontes	Identificação
Jean Luc Luberrise	Morador do Haiti
Augusto Heleno Ribeiro Pereira	General brasileiro
Menna Barreto	Militar brasileiro
Regine Alexander	Jornalista haitiana
Patrice Dumont	Jornalista esportivo haitiano
Bolivar	Líder comunitário haitiano
Joseph Namphy	Responsável pelo gramado
Andre Paul	Presidente do Clube Tanga
Pierre Edi	Vice-presidente do Clube Tanga
Gerard Pierre Charles	Historiador haitiano
Dr. Yves Jean Bart	Presidente da Federação de Futebol do Haiti
Jean Ronnel	Jornalista haitiano
Peter Germain	Jogador da seleção do Haiti
Fenelon Gabard	Goleiro da seleção do Haiti
Barnabe	Músico haitiano
Carlos Alberto Parreira	Técnico da seleção brasileira
Mário Jorge Lobo Zagallo	Comissão técnica
Luiz Inácio Lula da Silva	Presidente do Brasil
Populares	Sem identificação

Fonte: elaboração do autor

Com foco na preparação e chegada com segurança da comitiva nacional, o general Heleno explica o contexto de insatisfação popular e mortes desde a queda do ex-presidente Aristides. O militar Menna Barreto conta como tem sido o trabalho dos soldados desde 1º de junho e conduz a produção a vários pontos da capital. Os jogadores da seleção haitiana Peter Germain e Fenelon Gabard comentam sobre a expectativa do confronto e Gabard, enquanto goleiro, concede várias declarações adquirindo um papel narrativo interessante para a lógica do filme, como veremos em breve. Também o morador do Haiti, Jean Luc Luberrise, se bem observado, não é uma fonte qualquer, é o único popular identificado no documentário por sua história de vida. Várias vozes de populares entrelaçam todo o filme, mas não são identificadas, mesmo porque são passagens rápidas, outras porque são capturas espontâneas de frases ditas sobre o jogo.

Revista Espirales, Foz do Iguaçu, UNILA, ISSN 2594-9721 (eletrônico), v. 7, n. 1, 2023, p. 112-138

O enredo assenta-se sobre um episódio sem controle da produção, uma cobertura ao vivo de uma seleção de futebol passando por um país que há poucos meses estava em iminência de uma guerra civil, com registro de mortes, saques e total descontrole da segurança da capital. Mas para não ficar refém somente do momento do selecionado nacional em solo haitiano, o roteiro apresentou os preparativos deste dia e, por esse intento, mostrou a realidade social do Haiti. Por isso, por muitos minutos do documentário há imagens da rotina da população, dela atordoada nas ruas, amontoada em casas e dispersa ao ar livre. A pobreza evidencia-se pelas condições insalubres das moradias, do trânsito, do trabalho, de todo um país desgastado por desastres naturais e por corrupção na política, mas a trilha sonora destas cenas e de todo o filme sinaliza esperança e positividade. Uma explicação para isso consta em uma crítica especializada em cinema a respeito do documentário, com informações de bastidores:

Na trilha sonora, a música do Haiti acabou entrando por acaso. O fotógrafo Cristiano Wiggers, na viagem de volta ao Brasil, comprou no aeroporto dois CDs de música haitiana, que comemoravam o bicentenário de Porto Príncipe (que aconteceu no início de 2004). E eram músicas antigas do país, das décadas de 30, 40, mais poéticas do que as atuais. “Seria importante não abordar o povo como vitimizado. E eles são muito interessantes, alegres. O maior ganho com o filme foi retirar o estereótipo do pobrezinho”, diz Ortiz. E conseguiram uma trilha que encaixa bem, entrando no Haiti com uma imagem do exército brasileiro – uma surpresa para os diretores, que se impressionaram com sua conduta. (Sobré, 2006, jornal da USP).

Observa-se que para não ficar refém somente do acontecimento ao vivo, o roteiro procurou acompanhar a rotina de dois personagens: Jean Luc Luberrisse, morador local, e Felon Gabard, goleiro da seleção do Haiti. A produção descobriu que Luberrisse fazia aniversário em 18 de agosto, o dia do jogo. Com esta deixa, buscou apresentar a história deste popular, sua paixão pela seleção brasileira e suas expectativas. Durante a partida, uma câmera focou em imagens dele na torcida, suas reações e declarações. Ao fim, foi até a casa dele para colher depoimentos sobre a representatividade daquele dia.

O mesmo aconteceu com o goleiro Gabard, que foi indagado sobre a responsabilidade de conter gols de craques renomados. A produção sabia da possibilidade de uma goleada e sobre este personagem inclinava-se boa parte do clímax da narrativa. Ele seria herói ou vilão? Prestes a entrar em campo, sequências de imagens dele em concentração e oração. Mas veio a goleada de 6 a 0. No dia posterior, a produção encontrou-se com o goleiro e mostrou a capa de um jornal que o apresentava defendendo uma bola dos pés de Ronaldo Fenômeno, que

**Revista Espirales, Foz do Iguaçu, UNILA, ISSN 2594-9721 (eletrônico), v. 7, n. 1, 2023, p. 112-138**

inclusive não fez nenhum gol. Gabard emociona-se e o eixo da entrevista não são os seis gols marcados, mas como ele conseguiu evitar gols de Ronaldo. Estes dois personagens dão uma carga dramática ao enredo e ajudam a documentar uma visão externa (torcedor) e uma interna (jogador) do mesmo jogo.

**Imagem 1** - Passagem da seleção brasileira pela capital Porto Príncipe



Fonte: *Prints* do documentário “O dia em que o Brasil esteve aqui”

Nesta missão, os jogadores convocados foram os goleiros Júlio César e Dida; os zagueiros Cafu, Belletti, Roberto Carlos, Lucio, Juan, Roque Junior e Edmilson; no meio campo Renato, Kaká, Zé Roberto, Juninho Paulista e Gilberto Silva; e os atacantes Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo e Adriano<sup>5</sup>. No entanto, não houve qualquer declaração deles inserida no documentário, muito embora em reportagens de TV<sup>6</sup> seja possível encontrar falas dos jogadores. Todavia, a produção esteve próxima aos atletas, pois é visível o enquadramento em Ronaldo e Ronaldinho, por exemplo, durante o trajeto nos carros de

<sup>5</sup> São informações do site da CBF, disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-masculina/em-2004-brasil-levou-alegria-e-gols-ao-haiti>. Pelo documentário não é possível averiguar se todos os jogadores compareceram mesmo à partida.

<sup>6</sup> No canal do YouTube Futebol Raiz, por exemplo, encontramos uma reportagem com depoimentos dos jogadores. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pAjUPEpLqMs>.



guerra, ou seja, a câmera captou as imagens vistas pelos jogadores também de cima dos urutus brancos. Desse ponto de vista, é possível perceber as imagens e sons da euforia, do deslumbramento, da felicidade traduzida por meio de um autógrafo num panfleto, numa camisa, num aperto de mão ou em um toque em qualquer parte dos atletas (Imagem 1).

Uma breve polêmica é exposta no documentário logo após a saída da delegação brasileira. O jornalista Patrice Dumont disse que a seleção não dormiu sequer uma noite no Haiti, não houve uma festa e que mesmo com a amizade entre ambos os países, pareceu haver algum tipo de vergonha de permanecer por mais tempo. Por outro lado, o general Heleno justificou que devido ao fanatismo do povo local, não era seguro abrigar a comitiva por uma noite em função dos possíveis tumultos ao redor do hotel, cenas já vistas na venda dos ingressos, por isso a estratégia foi a articulação de uma viagem breve com a participação dos jogadores desfilando em carros abertos por bairros da capital. Apesar da controvérsia, o encerramento do filme apresenta vários depoimentos de agradecimento dos populares, que tornam o episódio um dia histórico para o país. No tópico seguinte exploraremos as categorias metodológicas propostas de benignidade, brilho e beleza, buscando nomeá-las conforme o contexto do filme.

## 2. Benignidade: O brasileiro é *bon bagay*<sup>7</sup>

Um carro com militares brasileiros percorre as ruas da capital Porto Príncipe entregando cartões com réplicas das assinaturas dos jogadores da seleção brasileira, também entregam bandeiras e camisetas durante o percurso. Quando sabem da passagem do Exército, os moradores locais correm atrás do carro e gritam fazendo mais pedidos de cartões, bandeiras e camisetas. Um destes, ao receber um brinde, agradeceu: “Brasileiro *bon bagay*, brasileiro *bon bagay*”. Um militar olha para a câmera e traduz, informando ao cinegrafista que *bon bagay* significa gente boa, legal, que o morador estava falando que os brasileiros são gente boa.

---

<sup>7</sup> A expressão *bon bagay* é originada do crioulo haitiano.

**Imagem 2** - Militares entregam alimentos e brindes da seleção brasileira



Fonte: *Prints* do documentário “O dia em que o Brasil esteve aqui”

Esta cena nos permite adentrar na categoria de “benignidade” proposta por Vuving (2009). Para ele, ser benigno produz atração e conseqüentemente *soft power*, pois o outro se sente mais próximo, com afinidade e gratidão pelos comportamentos altruístas. “Como a benignidade se traduz em poder? A benignidade produz gratidão e simpatia. Isto tranquiliza os outros das intenções pacíficas ou benevolentes do agente, convidando assim cooperação”<sup>8</sup> (Vuving, 2009, p.9). Os militares brasileiros chegaram à região para conter rebeliões, tiroteios, acalmar ânimos, fazer o uso da força quando preciso, mas cruzam a cidade tranquilamente e são ovacionados por populares.

Afinal, por que isso acontece? O que ocorre é uma identificação, um elo automático do povo haitiano com os militares por meio do futebol e como resultado uma transferência de sentido positivo para o Exército. Também deve-se levar em conta que, nesse momento, os soldados agem propositalmente com esse intento, pois estão distribuindo brindes relacionados ao futebol. Um deles, a bandeira brasileira, acaba espontaneamente reforçando esta associação, pois sempre os haitianos vão se deparar com soldados que carregam na manga do uniforme a imagem da bandeira brasileira.

A bondade vista pelos haitianos não é necessariamente pela presença de um Exército que busca promover a paz na região, mas sim porque eles estão colaborando na organização de um jogo que vai trazer a seleção pentacampeã do mundo à capital. “É, os haitianos gostam dos brasileiros, não é por acaso que são os brasileiros no comando das tropas da ONU. O objetivo é garantir uma boa transição e também maior aceitação do povo haitiano”, disse a jornalista haitiana Regine Alexander. A percepção dela coincide com estudos sobre o legado

<sup>8</sup> How does benignity translate into power? Benignity produces gratitude and sympathy. It reassures others of the agent’s peaceful or benevolent intentions, thereby inviting cooperation.

da partida, pois “o Jogo da Paz e a Missão da ABC agregaram ação prática e ingrediente psicológico importantes para subsidiarem a receptividade à atuação militar do Batalhão Brasil e a própria marcação de presença brasileira naquele país” (Vasconcellos, 2008, p.279).

Imbuídos de que são *bon bagay*, os soldados aproveitam a receptividade para fazer mais ações benevolentes. Uma delas, acompanhada pelo documentário, é a doação de alimentos ao orfanato “La Providence”. A cena mostra os militares entregando os mesmos cartões simbólicos do futebol às crianças, mas elas não entendem, não sabem ler, em seguida recebem bandeiras e o colorido verde e amarelo arranca sorrisos dos meninos e meninas. O primeiro contato dos pequeninos com o Brasil é propositalmente com referenciais simbólicos ao mundo da bola. Aos adultos, coube receber os alimentos e ensinar as crianças a repetir “Brasil, é Brasil”, o que está nas mãos deles é “Brasil”. Ainda nesta parte, crianças e adultos cantam com aplausos uma música que, pela melodia, deixa os militares emocionados. Ao final, uma mulher informa que se tratou de uma canção de agradecimento. “Muito bom, é um negócio que emociona né cara, o cara sai daqui, sai com outro espírito né cara, o negócio é bacana pra caramba”, disse o militar Menna Barreto.

A benignidade do Brasil se manifesta tal como prescreveu Vuving (2009), pois as atitudes das tropas brasileiras são de proteção, preocupação, de mostrar ser compreensivo para com a população, de respeitar sua cultura, seus direitos e interesses. Este comportamento, mediado pelo futebol, permite às Forças Armadas parecerem inofensivas, incapazes de provocar danos físicos aos populares. As lideranças comunitárias da região sabem que o jogo possui viés mais diplomático que esportivo.

Em primeiro lugar devo dizer que este jogo tem um aspecto muito político e diplomático. Ao contrário de outros jogos, a população logo entendeu que este jogo é pela diplomacia e a política. Apesar de ter um lado esportivo, não é um jogo pelo esporte. É um jogo que os políticos querem fazer, um encontro que para o Brasil tem caráter político. Vocês bem sabem que o Brasil é uma potência em ascensão e que busca se firmar. E o Brasil está usando sua arma mais potente, sua arma cultural que é o futebol. (Bolívar: líder comunitário. O dia em que o Brasil esteve aqui. 2005).

Se levarmos em conta que a ideia de ‘arma’ é a de um artefato para ser usado na guerra, no combate, seja para ataque ou defesa, temos a metáfora de que embora o Exército esteja ali munido literalmente de armas (canhões, fuzis, pistolas, explosivos etc.), a arma que ajuda a estabilizar os ânimos exaltados é o fascínio pelo futebol. Por essa razão, a proposta para o Jogo da Paz era a troca de armamentos por ingressos, iniciando assim uma campanha de desarmamento da população. O documentário que começa com imagens da venda de **Revista Espirales, Foz do Iguaçu, UNILA, ISSN 2594-9721 (eletrônico), v. 7, n. 1, 2023, p. 112-138**

ingressos para o jogo não flagrou nenhuma troca nesse sentido, mas apenas a euforia, ímpeto e tumulto para aquisição das entradas.

A aproximação brasileira com o povo local advém das ações altruístas, como a entrega de alimentos. Vimos a distribuição no orfanato, mas o filme mostra também o compartilhamento de donativos a céu aberto pelos militares quando estes estacionam e as pessoas se aglomeram para receber as doações. O episódio comum visto em várias ações humanitárias poderia encerrar por aí, contudo, ao ver que são brasileiros, os populares pedem emblemas da seleção brasileira. Preparados para isso, os soldados novamente dão panfletos, cartões e bandeiras. As camisas, ao que se percebe, são mais escassas, por isso são jogadas no meio da multidão que se aglomera ainda mais para conseguir pegá-las. Apesar da entrega de alimentos, os pedidos por mais adereços verde e amarelo são cada vez mais intensos. “Vi a cara, eles fazem a festa ao receberem a camiseta do Brasil, querem muito mais a camiseta do que a comida que eles passam fome e não conseguem encontrar”, declarou Menna Barreto perante tantos pedidos. Todas essas ações incorporam espontaneamente as características da ação em benigno, pois:

a benignidade vem em muitas formas. Por exemplo, quando você é legal com os outros; Quando você é generoso com os outros; quando você faz o bem aos outros; quando você os ajuda, apoia-os, protegê-los; quando você se preocupa com os outros; quando você presta atenção ou ouve os outros; quando você respeita os direitos, interesses ou autoestima de outras pessoas; quando você reconhece o valor ou significado de outrem; quando você se comporta de forma não ameaçadora ou sem confronto com os outros.<sup>9</sup> (Vuving, 2009, p.9).

A incorporação destas formas transparece de modo evidente no acompanhamento da saga do morador Jean Luc Luberrise para assistir ao jogo. A história dele possui um aspecto curioso: a partida vai ocorrer justamente no dia do seu aniversário, 18 de agosto. Por esse gancho, a produção o acompanhou desde a compra dos ingressos, onde ele disse “isso representa o mais belo presente que Deus me ofereceu na vida com a vinda da seleção brasileira. É um grande presente para mim”, finalizou sorrindo e mostrando o bilhete na mão. Ele sintetiza bem o sentimento dos haitianos: gratidão e autoestima elevada porque vão ver de perto a equipe tão admirada. A seleção e os jogadores tornam-se bons porque fazem um deslocamento longo para um país extremamente pobre, em que seriam quase inexistentes as

---

<sup>9</sup> Benignity comes in many forms. For example, when you are nice to others; when you are generous to others; when you do good to others; when you help them, support them, protect them; when you care about others; when you pay attention or listen to others; when you respect the rights, interests, or self-esteem of others; when you recognize the value or signification of others; when you behave in non-threatening or non-confrontational ways to others.

possibilidades da maioria do povo de um dia assistir ao vivo a um jogo. Isto é exercício de *soft power*, ter consciência da própria carga de influência e utilizá-la quando necessário.

No dia do confronto, Jean Luc Luberrise está na arquibancada, usando a camisa do Brasil, com uma mini bandeira nacional pendurada no cabelo, visivelmente emocionado. A câmera foca nele. Ele torce, grita, vibra, faz todos os gestuais de um fã admirado. Em outro dia, a produção o procurou para colher depoimento sobre a percepção daquele dia, daquele seu aniversário. Com mais intimidade, Jean acolheu a produção na sua casa, abriu as portas do seu lar com seus familiares, mostrou adereços de um fiel torcedor da seleção canarinho e desabafou: “É um mistério pra mim, e foi no dia do meu aniversário. Eu sempre orava e pedia para que antes da minha morte, Deus me desse a chance de ir a um jogo do Brasil. Então, para o meu aniversário Deus concretizou meu sonho”.

**Imagem 3** - Torcedor aniversariante do dia, Jean Luc Luberrise



Fonte: *Prints* do documentário “O dia em que o Brasil esteve aqui”

É de praxe no jornalismo, principalmente em reportagens, escolher um personagem, focar no seu relato e depois explicar que o caso relatado se insere em um contexto que afeta milhares de pessoas. Assim vê-se nas matérias em que senhoras vão ao supermercado e reclamam dos preços e depois explica-se o cenário da inflação. Uma das verossimilhanças do documentário com o jornalismo é este aspecto. Nem todos haitianos fazem aniversário no dia 18 de agosto, mas possuem afinidade, relação e paixão pela seleção brasileira. Nem todos podem ser ouvidos, mas foram representados por Jean.

A fama do brasileiro *bon bagay* permaneceu durante toda a Missão do Haiti. Parte dessa constatação é tema de um outro documentário, lançado pelo Ministério da Defesa em 2018, intitulado “*Bon bagay*: 13 anos do Brasil no Haiti”. É uma visão detalhada da

**Revista Espirales, Foz do Iguaçu, UNILA, ISSN 2594-9721 (eletrônico), v. 7, n. 1, 2023, p. 112-138**

conjuntura operacional da MINUSTAH que também teve que enfrentar desastres naturais no decorrer da missão. Os depoimentos de moradores locais, militares, representantes da ONU, dos Ministérios das Relações Exteriores e da Defesa sustentam a cooperação entre os países. O Jogo da Paz é um tópico abordado que coaduna como uma estratégia plausível para o momento de inserção do Brasil no país caribenho, num momento em que a estrutura de base da ONU ainda não estava totalmente disponível, pois a resolução que legitimou a intervenção ocorreu apenas em 10 de setembro de 2004.

Embora o Brasil tenha ficado 13 anos no Haiti, retirando as tropas gradualmente em 2017, o título do documentário em análise é “O dia em que o Brasil esteve aqui”. Isso estabelece rapidamente o Brasil como sinônimo de futebol, afinal, o conteúdo do filme é a cobertura da passagem da seleção brasileira. Desse modo, supõe-se que um dos rastros desse dia foi a continuidade de uma associação positiva com o militar brasileiro<sup>10</sup>, que continuou mantendo o status de “benigno” pelas formas altruístas de intervenção na realidade local: doação de mantimentos, atendimento médico, amparo perante terremotos, furacões etc. Segundo o Ministério da Defesa, 37 mil militares do Exército, Marinha e Aeronáutica foram enviados durante os 13 anos. Conforme dados do Relatório do Instituto Igarapé<sup>11</sup>, nenhum soldado brasileiro foi morto em confronto com haitianos no período da missão. Do registro de 24 mortes de militares, 18 foram ocasionadas pelo terremoto que assolou o país em 2010, dois foram suicídios e as outras quatro decorrentes de acidentes de trabalho.

### **3. Brilho: “São deuses na terra, são extraterrestres”**

A produção do documentário chega no centro de treinamento da seleção haitiana e mostra tomadas da preparação de um time que há anos (desde 1974) não vai para uma Copa do Mundo e está treinando para um amistoso contra a seleção mais famosa do mundo, à época recentemente campeã da Copa do Mundo de 2002 e da Copa América de 2004. Cortando estas imagens, surge um dos jogadores convocados para o amistoso, é Peter Germain, que atuava na posição de meio-campo. Provavelmente questionado sobre a expectativa da partida,

---

<sup>10</sup> Ponderamos que o termo “altruísta” surge neste artigo em função do aparato metodológico de Vuving (2009) em que para ser benigno, ações altruístas são necessárias, e que por meio dela, é possível influenciar para obter êxito. No filme em análise, várias cenas mostram momentos de solidariedade dos militares com o povo haitiano. Todavia pesquisadores como Fontoura (2009) e Toledo e Braga (2020) apresentam relatos de abusos e exploração sexual realizadas por militares em operações de Paz da ONU, dentre elas a MINUSTAH.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://igarape.org.br/wp-content/uploads/2018/03/2018-03-06-AE-MINUSTAH-PT.pdf>  
**Revista Espirales, Foz do Iguaçu, UNILA, ISSN 2594-9721 (eletrônico), v. 7, n. 1, 2023, p. 112-138**

respondeu: “Não vamos impedir a seleção brasileira de jogar, como todo o povo diz aqui, são deuses na terra, são extraterrestres”.

A fala de Germain não parece de um adversário, mas de um admirador. É uma evidência do respeito pela seleção brasileira, do reconhecimento do seu “brilho”. Nesse “b” do *soft power*, a tendência de aprendizado com o sucesso dos outros gera influência por meio da produção de admiração.

De forma mais geral, o brilho, neste contexto, é propriedade de alguém ou algo que é capaz ou bem-sucedido. O sucesso é a forte prova de capacidade. Pessoas de sucesso atraem porque resolvem problemas tão bem, porque têm superado desafios, porque são capazes. Aqui está a promessa de brilho. Como você é mais capaz do que eu ou se você for mais capaz do que a maioria das pessoas, é mais seguro não resistir a você. Como você tem sucesso em fazer algo, aprender com você é uma forma eficaz e segura para aqueles que estão fazendo um trabalho semelhante.<sup>12</sup> (Vuving, 2009, p.10).

Esta é a característica que mais ressoa no documentário. A abertura do filme é uma imagem de um jornal – não identificado – com a chamada de título: “Premiê quer que Ronaldo jogue pela paz no Haiti”. Ronaldo Fenômeno é o atleta mais estimado, mais “endeusado” e querido pelos haitianos, recebendo inclusive um título próprio na língua local: don dodô. Naquele momento, o craque gozava das benesses de ter sido o protagonista da Copa de 2002 e, como vimos no capítulo anterior, todas as narrativas desse Mundial colocavam o jogador como herói, como vencedor das adversidades físicas e psicológicas que o impediam de jogar profissionalmente outra vez.

Por isso, sua vinda, além de um pedido de um ministro de Estado, é a maior expectativa dos torcedores locais. A cobertura da venda dos ingressos mostra a multidão gritando “Ronaldo, Ronaldo, Ronaldo”, e entre as vozes se destaca uma que berra para as câmeras: “Ronaldo, eu te amo, eu morreria por você, eu morreria por você”. Diante da demora para liberação dos ingressos, a mesma aglomeração improvisa um canto: “Queiram ou não queiram nós vamos ver Ronaldo”. O atleta brasileiro representa um ídolo-herói para os haitianos, porque surge como provido de carisma e talento, com capacidade de resolver os

---

<sup>12</sup> More generally, brilliance, in this context, is the property of someone or something that is capable or successful. Success is the strong proof of capability. Successful people attract because they solve problems so well, because they have overcome challenges, because they are capable. Here lies the promise of brilliance. As you are more capable than me or if you are more capable than most people, it is safer not to resist you. As you are successful in doing something, learning from you is a way both effective and safe for those who are doing a similar job.

anseios de um povo, mesmo que este seja simplesmente ver um bom jogo ou conquistar um campeonato.

Mais do que isso, o historiador Gerard Charles, um dos principais intelectuais do país, explica que “no futebol, os haitianos sabem que o Brasil é projeção do seu sucesso e com esse seu jeito particular, se torna a projeção do que os haitianos querem ser”. Fica patente a admiração dos populares como uma expressão da busca de êxito na vida: se Ronaldo venceu, eles também podem vencer as tribulações do cotidiano; se o Brasil é o campeão do mundo, quem sabe o Haiti também possa. Como destacou Gerard Charles, é uma projeção manifestada no filme pelo comportamento de fanatismo e idolatria aos atletas brasileiros.

Em uma visita ao Clube Tanga, um bar “fã clube” ponto de encontro para os amantes do futebol brasileiro em Porto Príncipe, o presidente e vice-presidente do Club, Andre Paul e Pierre Edi, são indagados simultaneamente sobre o primeiro jogador brasileiro de que se lembram. A resposta uníssona é: “Edson Arantes do Nascimento, Pelé, Pelé, o rei do futebol, Pelé”. Nesta resposta percebe-se a inclusão de um imaginário positivo de resistência e afinidade racial. O brilho da atuação de Pelé, principalmente na década de 1970, reluz como principal referencial do Brasil no Haiti. Contudo, a adesão a novos craques nacionais continuou com novas seleções, com novos nomes de jogadores, inclusive memorizados pelos torcedores:

Amanhã de manhã estaremos todos no aeroporto bem cedo. Vamos buscar os jogadores no aeroporto. Sim, vamos ao aeroporto. Vamos fazer uma delegação para ir ao aeroporto. Somente para podermos ver nossas estrelas brasileiras. A partir das nove horas da manhã estaremos no aeroporto, a pé, de carro, de qualquer jeito estaremos lá, todos são fãs do Brasil. Vamos acolher nossas estrelas, nossas estrelas. Atenção, reitero: Nós vamos acolher nossas estrelas: Ronaldo, Ronaldinho, Roberto Carlos, Cafu, Dida, Kaká, nossas estrelas. (Populares. O dia em que o Brasil esteve aqui. 2004).

O trecho acima entrecortado das falas de torcedores mostra a ansiedade pelo encontro. O que se vê no dia em que a seleção brasileira esteve no Haiti é uma manifestação coletiva de admiração, reverência e idolatria. A população toda não caberia no estádio Sylvio Cator, por isso os jogadores percorreram vários pontos da capital nos urutus do Exército. As imagens são de euforia total; seriam “os deuses na terra”, como disse Germain? Todos queriam avistar, tocar, gritar o nome de um jogador, receber um autógrafo, um aceno. Manifestações como essa já ocorreram na recepção de seleções vencedoras em Copas do Mundo no Brasil, feitas pelos conterrâneos. Em outro lugar, outro país, aliás, e sem o motivo da conquista, a

**Revista Espirales, Foz do Iguaçu, UNILA, ISSN 2594-9721 (eletrônico), v. 7, n. 1, 2023, p. 112-138**



demonstração pública de afeto dos haitianos é uma evidência do alcance e brilho adquirido pelo futebol brasileiro ao longo do tempo, uma surpresa para a própria delegação brasileira.

Com certeza, quando me perguntarem daqui para frente os momentos importantes que eu vivi na minha vida de futebol, esse foi um deles. Essa alegria, o olhar, o sorriso, o coração, eu só vi nos momentos em que a seleção foi campeã do mundo. Eu acho que vocês nunca mais vão experimentar outro momento igual a esse, então nós somos privilegiados de participar disso, é um orgulho para todos nós. (Técnico Parreira. O dia em que o Brasil esteve aqui. 2005).

Um outro jogador da seleção haitiana contribui para pensar como a reputação exitosa do selecionado impõe um certo sentimento de derrota antecipada. Trata-se do goleiro Fenelon Gabard, que no documentário destaca que o jogo é um momento importante para sua carreira, pois estará enfrentando Ronaldo Fenômeno, o melhor jogador do mundo, motivo que o faz pensar que certamente levará alguns gols no confronto. “Para minha carreira significa muito esse jogo contra Ronaldo como goleiro titular. Eu posso dizer, vou fazer tudo o possível, tornar possível o impossível para segurar os chutes do Roberto Carlos e particularmente os do Ronaldo”.

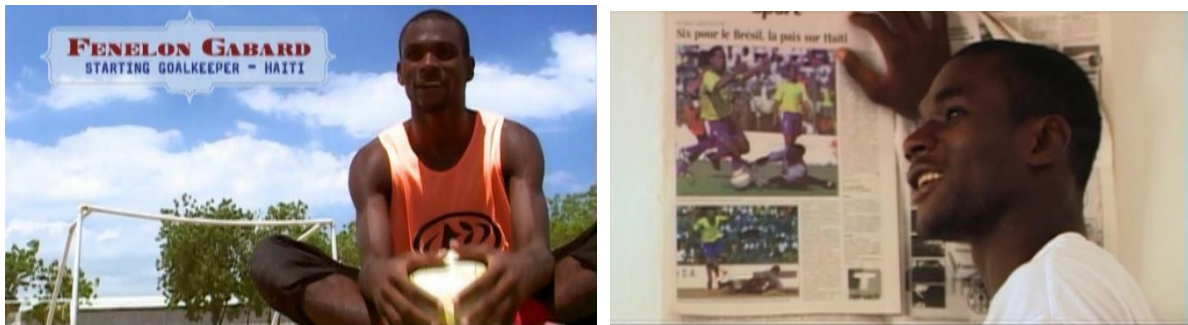
Por que o goleiro julga impossível segurar os chutes de jogadores brasileiros? Dialogando com Vuving (2009), porque o atributo do brilho se traduz em mitos de invencibilidade. Tanto brilho que parece inevitável vencer o outro, restando apenas admirá-lo e imitá-lo. Se nas relações o outro o considera como mito, o trânsito para influência encontra fácil acesso. Aqui está uma chave para tanta influência do futebol brasileiro pelo mundo: as narrativas míticas – país do futebol, melhores jogadores, futebol-arte, terra do rei do futebol, entre outras características já resgatadas no primeiro capítulo – que impõem respeito, geram influência, possibilitam uma estratégia de *soft power*. “De qualquer forma, não vamos nos iludir, é completamente impossível. A seleção nacional não vai vencer o Brasil. Não! É completamente impossível, impossível. Ainda que sejamos todos haitianos, você me entende, nós vamos torcer para o Haiti e para o Brasil”, é o depoimento do presidente do Clube Tanga, Andre Paul, que também corrobora para a crença da invencibilidade brasileira.

Prosseguindo, Fenelon Gabard sofreu seis gols. Mas nenhum deles foi de Ronaldo Fenômeno. Foi esse o gancho de uma matéria de um jornal local: “Fenelon Gabard, goleiro do Haiti, recupera magistralmente a bola dos pés de Ronaldo”. Essa matéria com uma foto da defesa foi apresentada a Gabard, surpreso pelo enfoque, disse: “É extraordinário. Essa foto, não sei quando ela vai se apagar da minha memória. No meu último minuto de vida na terra,

**Revista Espirales, Foz do Iguaçu, UNILA, ISSN 2594-9721 (eletrônico), v. 7, n. 1, 2023, p. 112-138**

vou lembrar dessa foto. Não só dessa foto, mas do jogo todo contra a seleção brasileira”. Mesmo perdendo, considera o momento inesquecível, porque diante os “invencíveis”, conseguiu ao menos segurar o gol do principal atacante.

**Imagem 4 - Fenelon Gabard, goleiro haitiano**



Fonte: *Prints* do documentário “O dia em que o Brasil esteve aqui”

O brilho não está reduzido à performance de determinados jogadores, mas também de toda a equipe. Esta percepção foi constatada pelo presidente Lula em suas viagens diplomáticas pelo mundo. Articulador do Jogo da Paz, comentou no documentário as motivações para o convite à seleção brasileira:

Eu acho que não apenas aqui, mas em vários lugares do mundo em que eu viajo, ou seja, o futebol brasileiro é como se fosse uma água benta, uma paixão que está acima das coisas. Quando eu conversei com Ricardo Teixeira, que ele imediatamente se dispôs a fazer esse jogo, e depois os jogadores, todos, sem exceção concordaram. Acho que a CBF e os jogadores deram uma demonstração de que o futebol pode muito mais do que ser apenas um espetáculo, ele pode mexer com o coração, com as emoções, sensibilizar as pessoas, e o Haiti precisa muito disso. (Presidente Lula. O dia em que o Brasil esteve aqui. 2005).

É por isso que argumentamos o uso do futebol brasileiro como *soft power* no período do governo Lula, pois tratou-se do primeiro presidente a propor uma intervenção internacional por meio da seleção brasileira e que seguidamente incentivou megaeventos esportivos no Brasil para atrair a atenção do mundo para o país. Lembramos que na década de 1950, após acompanhar excursões do Flamengo na Europa, o cronista José Lins do Rego expunha que o país deveria levar o futebol brasileiro para mais apresentações no exterior, pois via o potencial de exportação e influência nacional. Não foi compreendido. No governo do presidente Getúlio Vargas, o futebol foi acoplado à propaganda política e projeto de nação (Pardini, 2009; Souza,

*Revista Espirales*, Foz do Iguaçu, UNILA, ISSN 2594-9721 (eletrônico), v. 7, n. 1, 2023, p. 112-138

2009; Fernandes, 2021) e na Ditadura à promoção do regime militar (Chaim, 2014; Moreira, 2017). Embora tenha sido utilizado internamente como instrumento de visibilidade do regime ditatorial, para a audiência estrangeira ressoou o sucesso esportivo daquela geração, servindo, portanto, como um elemento de admiração do Brasil. Contudo, como vetor da identidade nacional para o mundo com interesse de influenciar as relações internacionais localizamos somente no governo Lula.

#### 4. Beleza: “A coisa mais bela do Brasil é o futebol”

Há um estabelecimento na capital Porto Príncipe para os fãs do futebol brasileiro, o nome desse lugar é Clube Tanga. A associação reúne admiradores locais da seleção canarinho e possui presidente e vice-presidente, Andre Paul e Pierre Edi, respectivamente. Ambos concedem entrevista sobre suas percepções a respeito do Jogo da Paz e da relação com o Brasil. É o vice-presidente quem admite logo de início: “Aqui é a base principal do Brasil, porque nós amamos o Brasil desde a infância. A coisa mais bela do Brasil é o futebol”.

**Imagem 5** - Clube Tanga, o fã clube de futebol no centro de Porto Príncipe



Fonte: *Prints* do documentário “O dia em que o Brasil esteve aqui”

Por essa declaração adentramos na categoria da “beleza” como moeda de poder. Trata-se, como detalhou Vuving (2009), de possuir valores, causas e ideais que despertem no outro o desejo de possuir a mesma experiência estética manifestada nessas características. Quando o entrevistado, um senhor de quase 50 anos, relata que ama o Brasil desde a infância, isso nos remonta a períodos célebres do futebol nacional. Uma apreensão que se confirma naturalmente durante o documentário quando o jornalista haitiano Jean Ronnel explica a fonte de tanta paixão:

Revista Espirales, Foz do Iguaçu, UNILA, ISSN 2594-9721 (eletrônico), v. 7, n. 1, 2023, p. 112-138

Em 1958, quando Brasil ganhou a Copa do Mundo, o Brasil venceu com Pelé. Todo mundo soube que o Brasil ganhou. E o filme da Copa veio para o Haiti em 1960, dois anos depois. Então, os haitianos assistiram a Copa dois anos depois e o primeiro contato com o futebol internacional foi nessa Copa, vendo o Brasil conquistar o título mundial. Em 1962, dois anos mais tarde, o Brasil ganhou novamente, mas dessa vez foi ao vivo. Desta vez os haitianos puderam ver aquele time de dois anos antes ao vivo. E esse time estava ganhando a Copa novamente. E isso tudo criou essa paixão, esse amor pelo futebol brasileiro. E desde então, todo haitiano é quase naturalmente fã do Brasil. (Ronnell, Jean. O dia em que o Brasil esteve aqui. 2005).

Isso significa que o haitiano viu o futebol de Pelé e Garrincha, viu a conquista do primeiro Mundial pelo Brasil, viu também a segunda conquista consecutiva, viu os passes, os desarmamentos, os dribles, o entrosamento de uma equipe que aos poucos se tornava referencial de estética de jogo: o futebol-arte. Somente essas duas Copas são provas da constituição de um maravilhamento pelo jogo brasileiro, e que conseqüentemente foram se aprofundando com o passar dos tempos, tendo como ápice 1970. “Para nós, todo mundo sabe, o Brasil permanece a mais bela equipe do mundo”, reforça o vice-presidente do Clube Tanga. Ou seja, a beleza se perpetua como uma herança que passa de equipe para equipe a cada quatro anos, reacendendo-se a partir de lances que façam jus ao passado glorioso.

No próprio Jogo da Paz o Brasil marcou seis gols. Desta goleada, apenas um gol é enfatizado pelos comentaristas locais e ganha replay no documentário. É um dos gols de Ronaldinho Gaúcho. O que ele fez? Driblou quatro marcadores, girando de um lado para o outro, deixando-os confusos, e perto do gol driblou ainda o goleiro, dando um toque sutil para as redes. Depois correu para a beira do campo e deu uma sambadinha. É esta criatividade que sustenta o futebol-arte acoplada da comemoração em formato de samba. “Um talento imenso, ele criou o gol”, bradou o comentarista do jogo. E os outros cinco gols: dois deles foram do próprio Ronaldinho Gaúcho para formar seu *hat-trick* na partida, um foi de falta com falha visível do goleiro na defesa e o outro foi um chute certo após lance de escanteio. Os outros três gols da partida, dois de Roger e um de Nilmar, também fizeram a alegria da torcida, demonstraram certa performance, mas não foram feitos com base em jogadas ousadas.

Imagem 6 - Ronaldinho Gaúcho, destaque da partida



Fonte: *Prints* do documentário “O dia em que o Brasil esteve aqui”

Quando se fala da beleza do futebol brasileiro, percebemos a recorrência de um samba nos pés como dado de realidade, Freyre o fez como metáfora. Narrativamente é plausível, mas inviável em campo, o único samba em campo mesmo é o da comemoração. A beleza consta na performance criativa, revelada a partir dos dribles inconstantes. Também, talvez, parte dessa beleza do futebol esteja justamente no modo festivo dos jogadores do selecionado em manifestar a alegria: nem sempre sambando, mas sempre com algum tipo de dança. Enquanto escrevo esse trecho, a seleção brasileira goleia o Chile por 4 a 0 pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2022. Após um dos gols, Vinícius Júnior, Lucas Paquetá e Neymar vão à beira do campo e simultaneamente dançam um hit viral da plataforma *TikTok*: “desenrola, bate e joga de ladinho”. Não é samba, mas é um jeito inventivo dos jogadores de manter uma característica fundamental designada aos brasileiros: a alegria. Juntando os pontos, em que pese o confronto típico de um jogo, o bom humor coroa a estética do jogo e é um aspecto desejado pelos torcedores.

Nessa categoria de beleza, certamente, como estamos argumentando, enquadra-se o futebol-arte, que já dedicamos um tópico no primeiro capítulo para exprimi-lo. Aqui, refletimos que o futebol-arte se firma como contorno, modelo, molde: como é que dribla bonito? Como é que encanta? Como é que chama atenção? Como é que deixa o torcedor apaixonado? É pelo improviso, pela ginga, pela espontaneidade. Como adquirir isso? Ah, tem que ser brasileiro ou tentar ser como eles, treinar na várzea, com os pés no chão, nas intempéries, e desde criancinha aprender a trombar, a ser valente, a ter garra. São metáforas batidas, porém potentes, porque é muito difícil começar de outro lugar quando a história registra que no Brasil – independente dos floreios narrativos – há dados da realidade de

muitas conquistas em competições internacionais e muitos craques no exterior. “Essa paixão vem do fato que a gente descobriu no Haiti o futebol internacional através do futebol brasileiro”, disse Yves Jean Bart, presidente da Federação do Futebol Haitiano. Ao se fazer conhecer o mundo da bola pelo Brasil, o fez mediado por vitórias, grandes seleções e atletas capazes de eternizar boas memórias afetivas nos torcedores.

Exemplificando mais, Vuving (2009) mostra que os atributos da beleza se tornam uma personificação do ideal, na qual os outros buscam adesão e orientação. Nas palavras dele:

A beleza pode vir de um país que atua como agente de um valor, um país que é percebido como o avatar de um ideal, um país que defende uma causa, ou um país que articula uma visão de forma convincente. Quando se apega a uma causa, defende um valor, dedica-se a um ideal, articula de forma convincente uma visão, ganha credibilidade como representante, tocha ou firme defensor e guardião da causa, o valor, o ideal ou a visão. Daí vem credibilidade, legitimidade e até mesmo moral autoridade.<sup>13</sup> (Vuving, 2009, p.11).

Por essa perspectiva, é como se o Brasil fosse o guardião de um modo de jogar ideal: o jogo bonito. O jornalismo esportivo brasileiro, por muitas vezes, cumpre mais esse papel de guardião, pois cobra, critica, insiste, aponta erros e lembra aos jogadores um passado de conquistas e performances desejáveis. Ao estudar o futebol-arte na imprensa nacional em momentos de derrotas e vitórias, Mostaro (2014) constatou, por exemplo, que em 1994, os jornais se regozijaram com a conquista, mas buscaram identificar um futebol-força praticado por Dunga, Parreira e Zagalo, enquanto Romário é eleito o emblema da arte, do talento, do improviso.

No documentário também se verifica na imprensa haitiana uma busca pela arte no futebol brasileiro. O comentarista da partida narrou: “Ronaldinho é o último artista que nos resta, porque ele tem 24 anos e Okacha tem 32 ou 33 anos, Zidane tem 32 anos. Verdadeiramente é o artista que nos resta. Devemos protegê-lo o máximo possível e esperar que nada de mal o aconteça, nunca”. Ele está falando de Ronaldinho Gaúcho ao lado do nigeriano Jay-jay Okacha e do francês Zinedine Zidane. A vantagem está na idade; naquele ano de 2004, Ronaldinho ganharia o prêmio de melhor jogador do mundo FIFA, feito repetido em 2005, e ficaria conhecido como “bruxo” pelas atuações narradas de modo mágico em

---

<sup>13</sup> Beauty can come from a country that acts as the agent of a value, a country that is perceived as the avatar of an ideal, a country that champions a cause, or a country that articulates a vision compellingly. When it holds fast on a cause, champions a value, devotes itself to an ideal, compellingly articulates a vision, it gains credibility as a representative, a torch, or a firm supporter and guardian of the cause, the value, the ideal, or the vision. From here comes credibility, legitimacy, and even moral authority.

campo, como chapéu triplo, drible elástico, gols decisivos, faltas assertivas e descontração em campo. “O cara é impossível, uma elegância, uma velocidade, é fatal”, disse um torcedor ao ver um dos gols dele no Jogo da Paz.

### Considerações

Todos esses atributos de benignidade, brilho e beleza, ao encontrar ressonância no futebol brasileiro, como fica evidente em todo o documentário “O dia em que o Brasil esteve aqui”, nos autorizam dizer que a ação de levar a seleção brasileira para um amistoso em nome da paz se configura na prática como uma estratégia de *soft power* (Nye, 2004). Um dos entrevistados, o jornalista esportivo Patrice Dumont, teve a mesma impressão naquele momento:

Existe o *hard power* e o *soft power*. O Brasil simboliza o *soft power*. O Brasil é a potência mais perigosa no mundo, porque ela é capaz justamente de aprisionar um país através do *soft power*. Quando um exército vem brutalmente e se impõe, ele acaba sendo odiado. O Brasil é amado, o Brasil fascina, as praias brasileiras, as mulheres brasileiras, a música brasileira, a Bossa Nova, o samba, o carnaval brasileiro. Mesmo o candomblé brasileiro fascina. (Dumont, Patrice. O dia em que o Brasil esteve aqui. 2005).

Por fim, observa-se como o documentário funciona como um fio condutor que nos permite visualizar o acontecimento elos entre Brasil e Haiti evidenciados pelos depoimentos dos entrevistados que relatam uma proximidade desde a década de 1960 com a descoberta e identificação com jogadores negros como Garrincha e Pelé. Em que pese a edição, os cortes, a seleção de entrevistados, fica evidente a existência de um povo influenciado pelo futebol brasileiro. A maior crítica que os estudos sobre *soft power* recebe é de que pouco se aponta quem influencia, quem é o influenciador e como isso acontece. Com esta análise, conseguimos dar conta de tais características pelos atributos da benignidade, brilho e beleza.

Embora o Brasil tenha ficado 13 anos no Haiti, retirando as tropas gradualmente em 2017, o título do documentário em análise é “O dia em que o Brasil esteve aqui”. Isso estabelece rapidamente o Brasil como sinônimo de futebol, afinal, o conteúdo do filme é a cobertura da passagem da seleção brasileira. Pela ótica do filme, um dos rastros desse dia foi a continuidade de uma associação esperançosa com o militar brasileiro, que continuaria mantendo o status de “benigno” pelas formas de solidariedade de intervenção na realidade local: doação de mantimentos, atendimento médico, amparo perante terremotos, furacões etc.

Revista Espirales, Foz do Iguaçu, UNILA, ISSN 2594-9721 (eletrônico), v. 7, n. 1, 2023, p. 112-138

Os documentos oficiais do Ministério da Defesa, sustentam que 37 mil militares do Exército, Marinha e Aeronáutica foram enviados durante os 13 anos e que, nenhum soldado brasileiro foi morto em confronto com haitianos no período da missão, conforme dados do Relatório do Instituto Igarapé. Todavia, a literatura acadêmica mostra que a associação favorável do povo haitiano com militares brasileira precisa ser analisada a partir dos eixos da segurança, processo político e direitos humanos (Cavalcanti, 2019). Desse modo, o jogo do Brasil é apenas um ponto de inflexão positivo na Minustah que não alcançou êxito em todos os seus objetivos

Por fim, uma constatação da pesquisa foi perceber como os mitos são fundamentais para o exercício do futebol brasileiro como *soft power*. Quando Alexander Vuving considerou a propagação de mitos como responsáveis por repassar uma imagem incorporada pelas características de benignidade, beleza e brilho, assumimos o encargo de verificar isto a partir das relações entre ambos países do filme já mencionado. Os resultados mostram o brasileiro como *bon bagay*, gente boa, e o futebol como belo, brilhante, tudo isto ancorado e possibilitado pelas narrativas de idolatria, futebol-arte, país do futebol, entre outras. Portanto, confirmamos a instrumentalização do futebol brasileiro como *soft power* nesse momento histórico, muito embora tenha sido incipiente, planejado às pressas e possível devido ao empenho quase pessoal do presidente à época.

## REFERÊNCIAS

AMAZARRAY Igor; GUIMARÃES, Bruno Gomes. O exercício do soft power: futebol e o caso brasileiro. **Revista InterAção** (UFSM), 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/interacao/article/view/12714/8069>. Acesso em: 18 nov. 2022

ANDRADE, Everaldo de Oliveira. **François Duvalier e o bonapartismo haitiano**. Dimensões - Revista de História da Ufes, n. 35, p. 391-415, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/12506/8705>. Acesso em: 15 jul. 2023.

Anselmo, André Luiz Ramos Pereira. **10 anos de Minustah: uma avaliação de suas consequências políticas para o Brasil**. Dissertação (mestrado) - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa, 84 f. 2014. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/13517?show=full>. Acesso em: 14 jul. 2023.



BRY, Sandra H. **Brazil's Soft-Power Strategy: The Political Aspirations of South–South Development Cooperation.** Foreign Policy Analysis, USA, v.1, n.2, p.297-316, 2016. Disponível em: [1nq.com/gHH8v](http://1nq.com/gHH8v). Acesso em: 18 nov. 2022

CAVALCANTE, Fernando. “**Sucesso ou Fracasso? Uma avaliação dos resultados da MINUSTAH**”. E-Cadernos CES, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/342>. Acesso 13 jul.2023.

CHAIM, Aníbal Renan Martinot. **A Bola e o Chumbo: futebol e política nos anos de chumbo da ditadura militar brasileira.** 2014. 163 f. Dissertação (Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas / Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-02042014-095412/pt-br.php>. Acesso em 18 nov. 2022.

COBERLLINI, Mariana Dalalana. **Haiti: da crise a MINUSTAH 2009.** Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://www.funag.gov.br/ipri/btd/index.php/10-dissertacoes/1115-haiti-da-crise-a-minustah>. Acesso em: 14 jul. 2023.

FERNANDES, Hevilla Wanderley. A instrumentalização do futebol na Era Vargas e a centralização política no eixo Rio-São Paulo. **Ludopédio**, São Paulo, v. 147, n. 21, 2021. Disponível em: <https://shre.ink/1Goy>. Acesso 18 nov. 2022

FONTOURA, Natalia Rayol. **Heróis ou Vilões? O abuso e a exploração sexual por militares em missões de paz da ONU.** Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://shre.ink/9NRZ>. Acesso em 14 jul.2023.

GRIX, Jonathan, BRANNAGAN, Michael e HOULIHAN. **Interrogating States' Soft Power Strategies: A Case Study of Sports Mega-Events in Brazil and the UK.** Global Society, v.29, n3, p.463-479, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13600826.2015.1047743>. Acesso em 18 nov. 2022

HELAL, Ronaldo. Mídia e Idolatria: o caso Ronaldinho. 2002, Caxambu. **26º Encontro Anual da ANPOCS. Congresso 2002.** Disponível em: [1nq.com/5BGuA](http://1nq.com/5BGuA). Acesso 18 nov. 2022

**instrumento de solidariedade e de ação diplomática.** Brasília: FUNAG, 2007. Disponível em: [https://funag.gov.br/loja/download/375-Brasil\\_e\\_a\\_Crise\\_Hatiana\\_O.pdf](https://funag.gov.br/loja/download/375-Brasil_e_a_Crise_Hatiana_O.pdf). Acesso em 14. Jul. 2023.

MAISONNAVE, Fabiano. Premiê haitiano pede Ronaldo contra crise. **Folha de S. Paulo.** 31.05.2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u73203.shtml>. Acesso em 18 nov.2022

MARQUES, Moisés da Silva. **Quebra de protocolo: a política externa do governo Lula** (2003-2010). São Paulo: Destino, 2013.

MOMBELLI, Neli Fabiane; TOMAIN, Cássio dos Santos. Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. **Lumina**, vol. 8, n. 2, dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21098>. Acesso em 18 nov. 2022

MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D'Amaral. **Futebol e Ditadura Militar: A** Elaboração dos Projetos Políticos para o Futebol Brasileiro 1966-1971. 2017. 174 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/2354>. Acesso 19 nov. 2022.

NICHOLLS, David. **From Dessalines to Duvalier: race, colour, and national independence in Haiti**. New Jersey: Rutgers university press, 1996.

NOVELLI, Douglas H. **A efetividade do soft power: uma análise qualitativa comparada.** (Org.) SANGALLI et al. Desigualdade e Ciência Política: Seminário Discente de Ciência Política da UFPR. 1ed. Curitiba. p. 386-417. 2021. Disponível em: <https://eventos.ufpr.br/SDCP/SDCP2021/paper/viewFile/4595/1109>. Acesso 18 nov. 2022.

NYE Joseph. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. New York, NY: Public Affairs, 2004.

PADILHA, L.; MARQUES, P. M. (Orgs.). **Brasil e Haiti: Racismo, ciência, lutas históricas e dramas atuais**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

PARDINI, Melina Nóbrega Miranda. **A narrativa da ordem e a voz da multidão: o futebol na imprensa durante o Estado Novo (1937-1945)**. Dissertação de mestrado, PPGHS/USP, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-04022010-130259/pt-br.php>. Acesso em 18 nov. 2022.

Seguy, F. **Racismo e desumanização no Haiti**. Educere et Educare: Revista de Educação, 10(20), pp. 521-536. 2015. Disponível em: <https://shre.ink/9NR7>. Acesso em 13 jul.2023.

SOBRÉ, Luiza. **O Jogo da Paz**. **Jornal da USP**. Ano XXI, nº.761, 2006. Disponível em: <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2006/jusp761/cinema.htm>. Acesso em 18 nov.2022

SOUZA, Denaldo Alchorne de. **Futebol e resistência cultural no Primeiro Governo Vargas (1930-1945)**. EF Deportes – Revista Digital, Buenos Aires – Año 14 – Nº 131 – Abril de 2009. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd131/futebol-e-resistencia-cultural-no-primeiro-governo-vargas.htm>. Acesso 18 nov. 2002

TOLEDO, A.; BRAGA, L. M. **Abuso e exploração sexual em operações de paz: o caso da MINUSTAH**. Revista Estudos Feministas, v. 28, n. 3. Florianópolis, 2020. Disponível em: <http://ref.scielo.org/r49j7r>. Acesso em: 12 jul. 2023.

Revista Espirales, Foz do Iguaçu, UNILA, ISSN 2594-9721 (eletrônico), v. 7, n. 1, 2023, p. 112-138

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Haiti, state against nation – the origins and legacy of duvalierism**. New York: Monthly review press, 1990.

VALENÇA, Marcelo M. CARVALHO, Gustavo. Soft Power, Hard Aspirations: the Shifting Role of Power in Brazilian Foreign Policy. **Brazilian Political Science Review**, v. 8, n. 3, p.1-29, 2014. Disponível em: <https://brazilianpoliticalsciencereview.org/article/soft-power-hard-aspirations-the-shifting-role-of-power-in-brazilian-foreign-policy/>. Acesso 20 nov. 2022

VALLER FILHO, Wladimir. **O Brasil e a Crise Haitiana: a cooperação técnica como** VASCONCELLOS, Douglas. **Esporte, Poder e Relações Internacionais**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), 2008. Disponível em: [http://funag.gov.br/loja/download/852-Esporte\\_Poder\\_e\\_Relacoes\\_Internacionais.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/852-Esporte_Poder_e_Relacoes_Internacionais.pdf). Acesso em: 20 nov. 2022.

VERENHITACH, Gabriela Daou. **A MINUSTAH e a Política Externa Brasileira: motivações e consequências**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Integração Latino-Americana, Área de Concentração em Direito da Integração, da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/9701>. Acesso 16 nov. 2022.

VUVING, Alexander L. **How Soft Power Works**. Paper presented at American Political Science Association Annual Meeting, Toronto, p. 1-19, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Dell/Downloads/SSRN-id1466220.pdf>. Acesso 16 nov. 2022.